

Sarney tomou posse hoje

O País acordou com novo Governo: o Presidente José Sarney tomou posse hoje. A enigmática constância da simbologia que vem marcando esta fase rica e sofrida da transição do regime encaixou a posse de fato de Sarney em duas datas que



Coisas da política

deve estimular as especulações dos supersticiosos: na véspera, ontem, o Presidente completou, em surdina, 55 anos, exatamente 20 a menos do que o Presidente que virou mito, preservado para sempre de todo desgaste e cujo mandato lhe caiu às mãos numa volta inesperada da roda do destino. Hoje também deve passar em branco, sem qualquer comemoração, o primeiro aniversário de uma data que seria de amarga recordação se o povo não tivesse dado a volta por cima, virando a derrota em sua maior vitória: há um ano, na madrugada, o Congresso cercado pelas medidas de segurança, com o sumido General Newton Cruz cometendo todas as tropelias da exibição da força desvairada, derrubava a emenda Dante de Oliveira, negando o quorum de dois terços para a aprovação das diretas.

Na presidência do atarantado PDS, que não percebeu que ali entrava em parafuso sem fim, o Senador José Sarney foi um dos líderes da mobilização parlamentar governista contra as diretas. É verdade que o açoitamento do candidato Paulo Maluf poupou Sarney de um maior comprometimento. Maluf estava se sentindo dono da legenda e necessitava prestar serviços ao Governo. Ansioso e afoito, empalmou o comando da luta contra as diretas, polarizando antipatias. Maluf, o PDS e o Governo brigaram com o povo.

Noutra volta mais adiante, Sarney pulou do barco que fazia água pelos buracos do casco apodrecido e salvou-se com todos os parceiros da dissidência do PDS.

Muita coisa aconteceu de um ano para cá. A velocidade alucinante provoca tonturas. Não dá tempo para que os episódios pousem, sejam absorvidos e assimilados pela reflexão tranqüila. A cada dia, a cada hora, um novo choque, a seca pancada na nuca.

Agora mesmo, é só conferir. Sarney ocupou a presidência há exatos 41 dias e o que, com algum exagero, se pode chamar de seu governo entra na terceira fase. A decisiva, a para valer. Os 38 dias inaugurais foram de uma interinidade constrangida e cautelosa, espicaçada por cobranças ansiosas dos insofridos. O Vice-Presidente, que amadurecera meditadas leituras sobre o modelo perfeito para o exercício do cargo, conformando-se com a receita prudente da modéstia retraída, à distância de qualquer tarefa que se intrometesse com a privativa área executiva, cativa do Presidente da República — foi convocado para a emergência de uma interinidade indefinida e que sempre oscilou entre períodos de uma euforia fabricada pela mistificação médica e os fundos mergulhos na fossa do desânimo. Cobraram

de Sarney, com insistência irritada, que passasse por cima de constrangimento e ignorasse a agonia de Tancredo, para nomear os indicados pela sofreguidão e adotasse as medidas que só podem ser decididas pelo titular.

Nos três dias de emocionantes funerais de Tancredo, ninguém mais pôde exigir coisa alguma. O que se assistiu ainda vai merecer muita análise, na tentativa do seu exato entendimento e da sua profunda compreensão. As multidões que choraram em cortejos sem fim, todo um povo reunido em torno de um Presidente que não chegou a tomar posse, forjando a arma de luta da sua unidade, impondo pela primeira vez uma conciliação que sobe de baixo, das camadas mais humildes das ruas e das praças até a cúpula política esmagada pela pressão genuína — foram a grande personagem da cena. Cedendo espaço para Tancredo — sua motivação — e para uma liderança, provavelmente efêmera mas que conquistou o seu lugar na lembrança desses dias de milagre e de pasmo: Dona Risoleta Neves.

O Presidente José Sarney foi o mais discreto que pôde. A sua presença foi sempre uma imposição do protocolo ou o impulso de esgotar as homenagens da impecável lealdade ao chefe recente encontrado do lado de cá do muro saltado em hora abençoada.

Hoje, sem falta, começou a terceira fase. Afinal, o que tanto se reclamou numa antecipação deslegante, agora é uma necessidade imperativa. Inverteram-se os sinais: quem tem pressa, toda urgência é Sarney. A partir de hoje, e nunca antes, é que começa a contar o prazo do seu Governo.

Por certo que até o fim da semana, nos poucos dias de luto oficial, o Governo tem muito o que conversar e acertar para dentro e pouco o que anunciar para fora. Mas, para Sarney também a arrumação interna conta e importa. O seu Governo necessita acertar-se, compor-se, entender-se para a arrancada.

Pois é de uma evidência cristalina que Sarney não pode jogar fora um segundo do prazo curto para a sua afirmação. O seu Governo não é como o de Tancredo, uma construção armada em torno de uma liderança natural sustentada por um passado de 21 anos de luta contra o longo período revolucionário de mais melancólico e impopular desfecho de toda a história republicana.

O Governo de Sarney é um desafio à improvisação. Herda tudo quase pronto. Mas precisa administrar a contradição de ser fiel ao legado e afirmar uma liderança com a sua marca identificadora.

Sem dúvida que o Governo Sarney começa muito mais difícil do que o de Tancredo. Recebe um patrimônio de boa vontade e de compreensão que foi sendo depositado na consciência do povo nesses 41 dias de transe.

O Governo do Presidente José Sarney começou hoje. O que ele vai ser terá que ser explicado agora. O povo esperou por Tancredo. Não pode esperar por mais ninguém.

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Repórter político do JORNAL DO BRASIL